

A tragédia petropolitana e a ignorância como estratégia do discurso capitalista

Joseane Garcia

Resumo

O texto busca analisar a tragédia das chuvas no município de Petrópolis (RJ), não como um desastre natural ou agravamento das questões climáticas, mas pela via da ignorância como estratégia do discurso capitalista. A situação de Petrópolis é pensada como uma forma de violência articulada com o conceito de necropolítica, descrito pelo filósofo Achille Mbembe. O poder político se apropria da morte como um objeto de gestão, ou seja, o poder não só estabelece normas sobre como devemos viver e agir, mas também decide e toma medidas a respeito de como devemos morrer e de quem deve morrer. Utilizando o pensamento da socióloga Linsey McGoe, que formula o conceito de ignorância estratégica, o artigo aborda a paixão da ignorância descrita por Lacan, para descrever uma das estratégias do discurso capitalista, que na Cidade Imperial pode ser traduzida pela expressão difundida por lá: *amnésia do céu azul*. Uma estratégia de apagamento do saber sobre as políticas públicas que deveriam ser encaminhadas para evitar novos desastres. Para demonstrar o gozo da ignorância agenciado pelo discurso capitalista, é apresentada uma vinheta clínica de uma intervenção feita durante o período de emergência na tragédia de 2022. Por fim, o artigo aposta que o discurso da psicanálise pode subverter o discurso capitalista fazendo uma crítica a ele.

Palavras-chave:

Tragédia de Petrópolis; Paixão da ignorância; Discurso capitalista; Necropolítica.

The petropolitan tragedy and ignorance as a strategy of capitalist discourse

Abstract

The text seeks to analyze the tragedy of the rains in the municipality of Petrópolis (RJ), not as a natural disaster or worsening of climate issues, but through ignorance as a strategy of capitalist discourse. The situation in Petrópolis is thought of as a form of violence articulated with the concept of necropolitics, described by the philosopher Achille Mbembe. Political power appropriates death as an object of mana-

gement, that is, power not only establishes norms about how we should live and act, but also decides and takes measures regarding how we should die and who should die. Using the thinking of sociologist Linsey McGoey who formulates the concept of strategic ignorance, the article approaches the passion of ignorance described by Lacan, to describe one of the strategies of capitalist discourse, which in the Imperial City can be translated by the expression widespread there: *amnesia of the blue sky*. A strategy of erasing knowledge about public policies that should be implemented to avoid new disasters. To demonstrate the enjoyment of ignorance mediated by the capitalist discourse, a clinical vignette of an intervention made during the emergency period in the 2022 tragedy is presented. Finally, the article bets that the discourse of psychoanalysis can subvert the capitalist discourse by criticizing him.

Keywords:

Petrópolis tragedy; Passion of ignorance; Capitalist discourse; Necropolitics.

La tragedia petropolitana y la ignorancia como estrategia del discurso capitalista

Resumen

El texto busca analizar la tragedia de las lluvias en el municipio de Petrópolis (RJ), no como un desastre natural o un empeoramiento de las cuestiones climáticas, sino a través del desconocimiento como estrategia del discurso capitalista. La situación de Petrópolis es pensada como una forma de violencia articulada con el concepto de necropolítica, descrito por el filósofo Achille Mbembe. El poder político se apropia de la muerte como objeto de gestión, es decir, el poder no sólo establece normas sobre cómo debemos vivir y actuar, sino que también decide y toma medidas sobre cómo debemos morir y quién debe morir. Utilizando el pensamiento de la socióloga Linsey McGoey, quien formula el concepto de ignorancia estratégica, el artículo aborda la pasión por la ignorancia descrita por Lacan, para describir una de las estrategias del discurso capitalista, que en la Ciudad Imperial puede traducirse por la expresión allí difundida: *amnesia del cielo azul*. Una estrategia de borrar el conocimiento sobre las políticas públicas que se deben implementar para evitar nuevos desastres. Para demostrar el goce de la ignorancia mediado por el discurso capitalista, se presenta una viñeta clínica de una intervención realizada durante el período de emergencia en la tragedia de 2022. Finalmente, el artículo apuesta a que el discurso del psicoanálisis puede subvertir el discurso capitalista al criticarlo.

Palabras clave:

Tragedia de Petrópolis; Pasión de la ignorancia; Discurso capitalista; Necropolítica.

La tragédie pétropolitaine et l'ignorance comme stratégie du discours capitaliste

Résumé

Le texte cherche à analyser la tragédie des pluies dans la municipalité de Petrópolis (RJ), non pas comme une catastrophe naturelle ou une aggravation des problèmes climatiques, mais à travers l'ignorance comme stratégie du discours capitaliste. La situation à Petrópolis est pensée comme une forme de violence articulée au concept de nécropolitique, décrit par le philosophe Achille Mbembe. Le pouvoir politique s'approprie la mort comme objet de gestion, c'est-à-dire que le pouvoir non seulement établit des normes sur la façon dont nous devons vivre et agir, mais décide également et prend des mesures concernant la manière dont nous devons mourir et qui doit mourir. Utilisant la pensée de la sociologue Linsey McGoey qui formule le concept d'ignorance stratégique, l'article aborde la passion de l'ignorance décrite par Lacan, pour décrire l'une des stratégies du discours capitaliste, qui dans la Cité Impériale peut se traduire par l'expression qui y est répandue : *amnésie du ciel bleu*. Une stratégie d'effacement des connaissances sur les politiques publiques qu'il convient de mettre en œuvre pour éviter de nouvelles catastrophes. Pour démontrer la jouissance de l'ignorance médiatisée par le discours capitaliste, est présentée une vignette clinique d'une intervention faite pendant la période d'urgence dans la tragédie de 2022. Enfin, l'article parie que le discours de la psychanalyse peut subvertir le discours capitaliste en le critiquant.

Mots-clés :

Tragédie de Petrópolis ; Passion de l'ignorance; Discours capitaliste ; Nécropolitique.

Introdução

A maior tragédia da história da cidade de Petrópolis, na Região Serrana do Rio de Janeiro, que aconteceu em fevereiro e março de 2022, deixou 241 mortos e aproximadamente 4 mil famílias¹ morando em imóveis alugados pelo programa do Aluguel Social.² Para se ter uma ideia do tamanho da tragédia, em apenas quatro horas o volume de água excedeu ao que era esperado para o mês inteiro. Um cenário de destruição tomou a Cidade Imperial. Diversos vídeos divulgados em redes

1 Segundo o prefeito Rubens Bomtempo. Recuperado em 4 de junho, 2023, de <https://www.petropolis.rj.gov.br/pmp/index.php/imprensa/noticias/item/19338-%C3%BAltimo-abrigo-para-desabrigados-%C3%A9-desocupado-gra%C3%A7as-ao-aluguel-social.html>

2 O Aluguel Social é um benefício assistencial, não definitivo, destinado a atender às necessidades advindas da destruição total ou parcial do imóvel residencial do beneficiário, decorrente de calamidade pública ou de remoções de pessoas residentes em áreas de risco.

sociais mostram uma destruição assustadora, como o desmoronamento da encosta no Morro da Oficina e um “rio” de lama e destroços descendo pelas ruas da cidade, carregando carros, ônibus, pessoas e tudo mais que havia pelo caminho.

Petrópolis tem o título de primeira cidade planejada do Brasil. O plano urbanístico, feito pelo engenheiro alemão Júlio Frederico Koeler, pretendia proteger os rios e evitar o deslizamento das encostas, visto que a tênue capa arborizada de muitos terrenos íngremes e rochosos os tornava predispostos à erosão quando submetidos às chuvas torrenciais de verão.³ Por que uma cidade planejada para proteger suas encostas sofre repetidamente com desabamentos e enchentes?

Apesar de identificarmos que a volumosa chuva que ocorreu foi decorrente das mudanças climáticas conhecidas, não se pode negar que a vulnerabilidade social já instalada e o descaso público fizeram com que os impactos fossem ainda piores. Onze anos atrás, após os temporais que atingiram a região em 2011, foram prometidas obras de recuperação de encostas, reflorestamento das margens dos rios e demolições de casas em locais de risco com a construção de novas moradias para quem vivia em terrenos instáveis. As promessas ficaram apenas no papel. Petrópolis, que sempre sofreu com as chuvas, não tem até hoje um plano decente de emergência contra desastres. As ações do poder público no sentido de evitar novas tragédias têm sido insuficientes até aqui. Claramente, esse descaso público, de todos os entes federativos, culminou no último desastre de 2022.

Portanto, a tragédia petropolitana não é um desastre natural! Tal qual a tragédia grega, a tragédia petropolitana denuncia que o trágico é consequência do humano. Este artigo pretende analisar a tragédia como decorrente de uma necropolítica e apontar a paixão da ignorância como uma estratégia do discurso capitalista.

A necropolítica petropolitana

No momento em que o desastre é classificado como natural, culpa-se a natureza. Não se pode descartar a importância dos componentes naturais, mas, quando o discurso do poder público se apoia unicamente no desastre “natural”, há um entendimento de que a gestão pública não é responsável, ela se exime da responsabilidade do desastre. É necessário discutir a desigualdade social, o porquê de essas pessoas ocuparem esses espaços, que forças as empurram para as áreas de risco. O desastre é de ordem política. No entanto, os órgãos responsáveis só se fazem presentes quando o risco se transforma em tragédia. Então, chega o socorro e se decreta estado de emergência ou de calamidade pública. São importantes o monitoramento da região, os mapas de risco e as sirenes de alerta, no entanto

3 Segundo o Instituto Histórico de Petrópolis. Recuperado em 16 de março, 2023, de <https://ihp.org.br/?p=1839>

o problema é mais complexo. A ação não pode ocorrer só no último momento, porque, quando o desastre acontece, é muito mais danoso, e vidas são perdidas.

A situação de Petrópolis faz pensar nas formas de violência articulada com o conceito de necropolítica, descrito pelo filósofo camaronês Achille Mbembe. A torção que Mbembe (2018) faz dos conceitos foucaultianos de biopoder e biopolítica amplia o debate para pensar a vida e a morte a partir de contextos coloniais e neocoloniais. Enquanto a biopolítica de Foucault se atenta às formas de controle dos vivos em um cenário eurocêntrico, a necropolítica de Mbembe nos mostra uma condição de morte no mundo pós-colonial.⁴

Em seu famoso ensaio, Mbembe (2018) afirma que as sociedades capitalistas promovem políticas que restringem o acesso de certas populações a condições mínimas de sobrevivência. Criam regiões onde a vida é precária e onde a morte é autorizada. O poder político de diferentes maneiras se apropria da morte como um objeto de gestão, ou seja, o poder não só estabelece normas sobre como devemos viver e agir, mas também decide e toma medidas a respeito de como devemos morrer e de quem deve morrer. Segundo Mbembe, os mecanismos técnicos para conduzir as pessoas à morte vêm desde os tempos do imperialismo colonial, do período da escravização. Existe um descaso deliberado em situações de vulnerabilidade, em que não há planejamentos para que o contexto seja sanado.

A ocupação desordenada de encostas pelas populações mais pobres em Petrópolis atualiza, em níveis inconscientes, a estratégia colonial de expulsão dos escravizados, que foram libertos para as áreas periféricas e não urbanizadas. Na necropolítica petropolitana, o sol não brilha para todos; as águas das chuvas enterram vivos aqueles que são descartados como mercadorias.

A ignorância como estratégia do discurso capitalista

A socióloga canadense Linsey McGoe (2012) formula o conceito de ignorância estratégica para descrever a habilidade de explorar a ignorância como estratégia de poder. McGoe nos convida a compreender o conceito de ignorância não como contraponto ao conhecimento, mas como uma arena de disputa pelo poder social. Ela demonstra o quanto esse conceito floresceu como parte inerente do poder político em democracias capitalistas. A ignorância é explorada intencionalmente para fins políticos. A autora menciona em sua obra como as indústrias farmacêuticas usam a suposta ignorância como estratégia para aprovar, junto às agências de vigilância governamentais, medicamentos novos lançados no mercado, sem informar, corretamente, o público de seus efeitos colaterais ou adversos. Para tan-

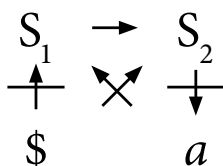
4 Os estudos pós-coloniais emergiram, nas últimas décadas, como uma crítica aos legados do colonialismo e do imperialismo. Essa abordagem se concentra em examinar as consequências sociais, culturais, políticas e econômicas das relações coloniais entre os países colonizadores e os povos colonizados.

to, as empresas, por vezes, compram pareceres científicos que ressaltam determinados efeitos benéficos e que escondem determinados efeitos maléficos. McGoey aponta também como a ignorância é explorada intencionalmente por diferentes grupos, para fins políticos, para decisões jurídicas, para a divulgação de notícias e de comentários na mídia e até na adoção das mais diversas teorias econômicas.

Para essa autora, existem hierarquias de ignorância, e a ignorância de pessoas simples é a mais conhecida e criticada, mas ela argumenta que essa hierarquia precisa ser invertida, porque é justamente entre as pessoas com maior poder que a ignorância se torna mais valiosa e com os efeitos políticos mais devastadores. As autoridades políticas que produzem a ignorância estratégica conhecem a verdade dos fatos, mas alteram, descaracterizam, tornam irreconhecíveis esses fatos, dando novas faces a eles. Visam a seus interesses particulares de riqueza e de poder.

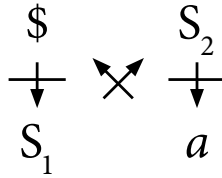
Lacan (1972) formalizou o discurso capitalista, que não é bem um discurso, porque não faz laço social, apontando que quem comanda é o capital como significante-mestre no lugar da verdade. Similar ao discurso do mestre, traz uma distinção, a inversão na primeira parte da estrutura: o binômio inicial é invertido, e o \$ está sobre o S_1 . A ligação entre os binômios relativos ao campo do sujeito e ao campo do Outro não ocorre pelo lugar do agente em direção ao outro. A ligação se dá a partir do lugar da verdade (S_1) em direção ao lugar do outro (S_2). Temos, então, um sujeito como agente, mas atuando em função do significante mestre, capital, que se encontra sob a barra, sem se dar conta disso, ou seja, é o agente que determina a verdade, manipulando-a, desconsiderando o recalque. O sujeito do discurso capitalista faz semblante de mestre, mas é manipulado pelo capital. Portanto, essa manipulação distancia o sujeito do saber e o implica em um desconhecimento de sua divisão.

Figura 1. Discurso do Mestre.



Fonte: Lacan (1969-1970/1992, p. 27).

Figura 2. Discurso do capitalista.



Fonte: Lacan (1972, s. p.).

Lacan (Lacan, 1969-1970/1992, pp. 188-189) afirma textualmente que “alguma coisa mudou no discurso do mestre a partir de certo momento da história, “(...) pois o importante é que a partir de certo dia, o mais de gozar se dá conta, se contabiliza, se totaliza. Aí começa o que se chama de acumulação de capital”. O mestre moderno, capitalista, apropria-se do saber do escravo, expropria o gozo do escravo e o transforma em lucro. O escravo fica privado do usufruto de seu trabalho e do saber sobre o conjunto da produção.

O sujeito (\$) aparece ocupando o lugar de agente no discurso do capitalista e no da histórica. Porém, enquanto a histórica se dirige ao mestre ($\$ \rightarrow S_1$) e o combina à produção do saber (S_2), o capitalista não se dirige a nenhum outro e aparece dissociado do saber.

No discurso capitalista, o sujeito está dissociado do saber. Quando a chuva cessa em Petrópolis, quando o sol retorna e as ruas começam a secar, as promessas do poder público vão sendo esquecidas. É o que chamam por lá de *amnésia do céu azul*.⁵ O céu fica azul e se esquece de fazer política pública, na verdade se ignora. Tem um propósito do capitalismo nisso, que vem com a paixão da ignorância. Pela via do silêncio, apagando a memória da tragédia, a amnésia do céu azul, como gozo da ignorância, é mais uma necrofilia do poder.

A amnésia do céu azul é a expressão da paixão da ignorância na cidade de Pedro. Além do amor e do ódio, Lacan enumerou a ignorância como paixão do ser. Diz ele: “A ignorância, de fato, não deve ser entendida aqui como uma ausência de saber, mas tal como o amor e o ódio, como uma paixão do ser: porque ela pode ser, à semelhança deles, uma via em que o ser se forma” (Lacan, 1955/1998, p. 360).

Lacan introduz a paixão da ignorância na via da busca da verdade pelo sujeito. O sujeito, no início da análise, está na posição de sujeito que ignora, possibilitando uma abertura para a transferência. Do lado do analista, a ignorância é concebida como “ignorância doura, que não quer dizer sábia, mas formal, e que pode ser, para o sujeito, formadora” (Lacan, 1953-1954/2009, p. 317). O analista deve

⁵ Expressão cunhada por Marcelo Motta, geólogo da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

ignorar o que ele sabe. Nessa correlação entre ignorância e saber, é o analisante que situa o analista na posição de sujeito-suposto-saber.

Em *O saber do psicanalista*, Lacan (1971-1972/2001, p. 12) diz que “a ignorância está ligada ao saber. É uma maneira de estabelecê-la, de fazer dela um saber estabelecido”. Ele cita *De docta ignorantia*, no qual Nicolau de Cusa considera a ignorância como o saber mais elevado. Segundo Lacan, nessa obra renascentista emerge o paradoxo sobre o saber, e se “a ignorância, assim, a partir de certo momento, num certo setor, porta o saber em seu nível mais baixo, não é culpa da ignorância, é antes o contrário” (Lacan, 1971-1972/2001, p. 12).

A douta ignorância, de Nicolau de Cusa, propõe uma reflexão centrada na ideia do não saber. O importante não é saber, é, sim, saber que se ignora. Por isso, Lacan usa essa referência para falar do saber do psicanalista. Há saber do analista, aquele que provém de uma douta ignorância, aquele que deve advir no lugar da verdade. No discurso do analista, o saber (S_2) tido como saber inconsciente passa a ocupar o lugar da verdade. A verdade desse discurso é o fato de o analista colocar seu saber em suspenso, para operar com uma modalidade absolutamente singular de S_2 .

No seminário *Mais, ainda*, Lacan (1972-1973/2008) retoma o amor, o ódio e a ignorância em um novo contexto. As paixões não se organizam mais com relação ao ser, pois este sofre um deslocamento a partir do conceito de gozo. As paixões passam a se articular entre saber e gozo.

O que pode um psicanalista diante da situação de desastre e emergência?

Para falar do gozo da ignorância agenciado pelo discurso capitalista, vou trazer uma vinheta clínica ocorrida logo depois da primeira chuva de fevereiro de 2022.

Ao discutir o que um psicanalista pode fazer em situação de desastre e emergência com um colega psicanalista petropolitano, que tinha percorrido na última tragédia vários abrigos ofertando sua escuta, ele me diz que só acreditava que conseguiríamos fazer ato em um segundo momento, depois que as “necessidades básicas” fossem sanadas. Ele queria dizer que primeiro essas pessoas precisavam de abrigo, roupas e comida, e que nosso trabalho só conseguiria ser feito depois disso, em uma espécie de clínica social. De saída, não concordei com ele, porque a meu ver estaríamos colocando a necessidade como prevalente, e, se formos freudianos, assim como Lacan, a necessidade fica perdida para a pulsão. Resolvo percorrer também alguns abrigos. Levo algumas doações a uma escola-abrigo. Ao chegar, sou encaminhada para a coordenadora do abrigo, que, diante de minha sacola com alguns mantimentos e de minha apresentação como psicanalista, responde de imediato que está tudo bem e que não precisavam de mais nada ali. Faço

uma equívocação: “não estão precisando de nada?”. Diante do absurdo apontado com a equívocação, de que na verdade aquelas pessoas não tinham nada, tinham perdido tudo, a coordenadora passa a me contar sobre os abrigados. Conta de uma criança que teve febre, mas que a médica não encontrou razão para ela. Pontuei que as crianças podem expressar suas angústias pelo corpo. Ao me despedir, na porta mesmo de entrada, porque sequer pude entrar, a coordenadora do abrigo pede meu contato. Antes mesmo de chegar à minha casa, ela me manda uma mensagem no WhatsApp dizendo que tinha se lembrado de uma mulher que estava depressiva e demonstrando ideias suicidas, e pediu que a ouvisse. No dia seguinte, fui escutar essa mulher, que era a mãe da criança que teve febre, e, ao terminar o atendimento, ela me pergunta se posso ouvir a cunhada, e, ao terminar de ouvir a cunhada, ela diz que tem outra pessoa que eu precisava ouvir. Escutei quase todas as mulheres do abrigo, inclusive as crianças. A oferta cria a demanda, já dizia Lacan! No dia seguinte, ao voltar ao abrigo, sou recebida por uma pessoa da Secretaria Municipal de Assistência Social, que me diz que não poderei mais ouvir as desabrigadas, pois de agora em diante a secretaria assumiria com os psicólogos cadastrados. Alguns meses depois, encontro um colega, psicólogo, que me diz que está trabalhando nesse mesmo abrigo. Pergunto sobre as pessoas que ouvi. Ele não reconheceu ninguém, pergunto se já saíram, não sabe dizer, e revela que está lá de plantão à noite, quando todos já estão dormindo. É isso que o Estado quer, que não sejam ouvidos, que durmam, que se calem, que ignorem e não denunciem o horror e o abuso sofridos.

No discurso do analista, o analista não responde à demanda do “sujeito do sofrimento”, posiciona-se como semblante do objeto (causa) do desejo, no lugar do agente (*a*), impulsionando o sujeito a produzir seus próprios significantes mestres (S_1).

Ao sujeito que se apresenta, o analista oferece sua ignorância, mas uma ignorância douda, ignorância sobre esse sujeito, permitindo que ele revele seu desejo e reconheça seu gozo. A ignorância douda do analista é uma posição diametralmente oposta ao discurso do mestre, avessa a este, e, vemos aqui, avessa ao mestre moderno, o capitalista.

Considerações finais

A falta de infraestrutura urbana para a permanência segura de moradias em áreas de morro nas regiões mais pobres é um produto do sistema que transforma a necessidade humana básica de morar em mercadoria.

A psicanálise pode ajudar a enfrentar a culpabilização dos próprios pobres pela pobreza e a combater psicopatologias que tentam colocar na subjetividade uma responsabilização por não se adaptarem à “civilização”. Posições que tiram de foco o estrutural processo de colonização, racismo e desigualdade social do sistema capitalista.

Um ponto importante que se poderia explorar, e no qual aqui não pude me aprofundar, é o fato de que há uma grande ignorância quanto aos escravizados e seus descendentes na história de Petrópolis, um apagamento da memória negra petropolitana, sustentado na noção de cidade livre de escravizados. Esse silêncio foi algo construído e pode ser percebido quando olhamos para toda a memória em torno da ideia de Cidade Imperial. Petrópolis foi fundada em 1846, e a escravização foi extinta 42 anos depois, em 1888. Poucos registros se têm dessa história, pois a colonização alemã se sobrepôs. Não se fala de escravizados em Petrópolis, apenas do colono alemão. Essa seria mais uma forma de gozo da ignorância se apresentar. E, se levarmos em consideração que a grande maioria das encostas dos morros em Petrópolis é povoada por descendentes do período escravagista, poderíamos falar de racismo ambiental,⁶ que são as injustiças ambientais sofridas por minorias sociais, populações negras e indígenas, consequências de nosso sistema de produção e exploração da natureza.

Racismo ambiental e necropolítica andam juntos, uma vez que se retroalimentam e fazem parte do mesmo processo de expansão do capital.

A psicanálise é um discurso que pode sustentar uma crítica eficaz ao capitalismo. Para além das palavras de ordem da tragédia, “arrecadar e doar”, o analista deve provocar a fala do sujeito e, ao fazer surgir o significante mestre, em outro lugar, na posição do trabalho no discurso da histeria, permitirá ao sujeito contar sua história de forma diferente e, assim, construir, quem sabe, uma nova saída. Quando o discurso do analista reinstaura a verdade do sujeito, ele reinstaura a referência à castração. Ao contrário do discurso do capitalista, que quer forçá-la, o discurso do analista se sustenta na impossibilidade.

O analista, diante do discurso capitalista, não pode ser tomado como mais um objeto a ser consumido e, em seguida, descartado. Então, fiquemos atentos ao discurso capitalista e que possamos fazer uma crítica a ele ouvindo os sujeitos que estão no lugar de dejetos, abrindo espaço para que saiam da ignorância de seus desejos e da estratégia do discurso capitalista!

Referências bibliográficas

Lacan, J. (1972). *Conferencia de Milan “Del discurso psicanalítico”*. Recuperado de <https://www.elsigma.com/historia-viva/traduccion-de-la-conferencia-de-lacan-en-milan-del-12-de-mayo-de-1972/9506>

Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970)

6 A expressão racismo ambiental surgiu pela primeira vez em 1981, nos Estados Unidos, tendo sido cunhada por Benjamin Franklin Chavis Jr., líder de um grupo antirracista que protestava contra o despejo de resíduos tóxicos, que em sua maioria era sempre próximo à moradia de pessoas pobres e não brancas.

- Lacan, J. (1998). Variantes do tratamento-padrão. In J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1955)
- Lacan, J. (2001). *O saber do psicanalista*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife. (Trabalho original publicado em 1971-1972)
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Lacan, J. (2009). *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1953-1954)
- Mbembe, A. (2018). *Necropolítica*. São Paulo: n-1 edições.
- McGoey, L. (2012). The logical of strategic ignorance. *British Journal of Sociology*, Londres, 63(3).

Recebido: 01/12/2022

Aprovado: 15/12/2022